

A ENCARNAÇÃO COMO VALORIZAÇÃO DO CORPO HUMANO A PARTIR DA CRISTOLOGIA, COM CONTRIBUIÇÕES DA CABALA JUDAICA E DAS TIPOLOGIAS DO ENEAGRAMA

*Marcos Uchôa⁴
Cassiano Luís Boldori⁵*

Resumo:

O presente artigo aborda a Encarnação de Jesus Cristo como pressuposto imprescindível para a valorização do corpo humano sob a perspectiva cristológica, ressaltando a Paixão de Cristo como novo paradigma antropológico, a partir das contribuições de René Girard, da Espiritualidade da Cabala Judaica e das tipologias do Eneagrama, visando a consciência integral e o diálogo com as demais dimensões do ser humano (emocional, mental e espiritual). O tema apresentado manifesta a importância da visão totalizante do ser humano em detrimento da visão dualista que sempre prevaleceu na história do cristianismo e da cultura ocidental em geral, a qual separa a dimensão física da dimensão extra-sensorial. Temos como objetivos: a) Compreender a importância de uma abordagem cristológica não-sacrificial para a valorização do corpo, pois “Somos um corpo e não só temos um corpo”; b) Dialogar com a Espiritualidade da Cabala Judaica sobre a dimensão corporal, como também a visão que o Judaísmo tem do corpo; c) Relacionar as tipologias do Eneagrama com a dimensão física; d) Possibilitar o diálogo entre teologia, religião, espiritualidade e filosofia acerca do corpo. Recorrendo à tradição cristã, mais especificamente à Cristologia e à Antropologia Teológica, no que se refere aos temas da Encarnação, da Paixão e Morte de Cristo, como da fé na ressurreição da carne, para a valorização sacral do corpo, queremos fazer um paralelo com as contribuições da Cabala Judaica e das tipologias do Eneagrama, na tentativa de se elucidar o que a história humana sempre buscou: sobre a consciência corporal que caminha com as filosofias da vida e a consciência espiritual que apontam para a vivência evangélica da oração de Jesus, segundo João: “que eles sejam um” (Jo 17,11).

Palavras-chave: Encarnação; Cabala; Eneagrama.

Introdução

O presente artigo aborda a Encarnação de Jesus Cristo como pressuposto imprescindível para a valorização do corpo humano sob a perspectiva cristológica, ressaltando a Paixão de Cristo como novo paradigma antropológico, a partir das contribuições de René Girard, da Espiritualidade da Cabala Judaica e das tipologias do

⁴ Mestre em Teologia – FAJE – financiado pela CAPES.

⁵ Pós-Graduado de Especialização em Temas Filosóficos – UFMG.

Eneagrama, visando uma consciência integral e o diálogo com as demais dimensões do ser humano (emocional, mental e espiritual).

O tema apresentado manifesta a importância da visão integral do ser humano em detrimento da visão dualista que sempre prevaleceu na história do cristianismo e da cultura ocidental em geral, a qual separa a dimensão física da dimensão extrassensorial. Temos como objetivos: a) Compreender a importância de uma abordagem cristológica não-sacrificial para a valorização do corpo, pois “Somos um corpo e não só temos um corpo”; b) Dialogar com a Espiritualidade da Cabala Judaica sobre a dimensão corporal, como também a visão que o Judaísmo tem do corpo; c) Relacionar as tipologias do Eneagrama com a dimensão física; d) Possibilitar o diálogo entre teologia, religião, espiritualidade e filosofia acerca do corpo.

Recorrendo à tradição cristã, mais especificamente à Cristologia e à Antropologia Teológica, no que se refere aos temas da Encarnação, da Paixão e Morte de Cristo, como da fé na ressurreição da carne, para a valorização sacral do corpo, queremos fazer um paralelo com as contribuições da Cabala Judaica e das tipologias do Eneagrama, na tentativa de se elucidar o que a história humana sempre buscou: sobre a consciência corporal que caminha com as filosofias da vida e a consciência espiritual que apontam para a vivência evangélica da oração de Jesus, segundo João: "que eles sejam um" (Jo 17,11).

1. Enfoque bíblico-teológico da encarnação do Verbo

A reflexão cristológica sobre a encarnação e, conseqüentemente, sobre a corporeidade, a partir da exegese bíblica atual, leva-nos a compreender seu significado mais profundo. O Verbo que “era no princípio e estava junto de Deus” (Jo 1,1s) “nasceu de uma mulher” (Gál 4,4), “se fez carne” (Jo 1,14). Sabemos que o a temática da encarnação do Verbo não foi objeto de preocupação imediata na pregação de Jesus e muito menos no período apostólico.

A preocupação da igreja primitiva era a de ser testemunha do que aconteceu entre o batismo de Jesus no Jordão e a sua ascensão ao céu (At 1,21; 10,37). Os sinóticos foram escritos a partir desta perspectiva. Somente no quarto evangelho é que temos os temas teológicos mais profundamente elaborados. Tanto é que o tema da encarnação está interligado com a temática da glória. A revelação da glória de Jesus na

última hora faz conhecer a glória que ele possuía antes que o mundo existisse (Jo 17,8). Para o evangelista João a encarnação é o início da revelação da glória do Homem-Deus. Portanto, o Novo Testamento considera que a reflexão teológica sobre a encarnação está baseada em toda a vida de Jesus, desde a encarnação até à sua ascensão ao céu.

Uma análise cristológica sobre a encarnação não é o nosso objetivo aqui nesta comunicação. Contudo, precisamos retomar algumas afirmações precisas sobre o tema como fundamentação bíblica para as nossas conclusões a posteriori. Segundo os especialistas nas Sagradas Escrituras, os autores do Novo Testamento, cada um do seu jeito, procuraram mostrar os fatos especiais que fizeram da encarnação um acontecimento único e marcante para o início do plano da glorificação da natureza humana. Para os especialistas, Paulo volta-se para o encarnado, Mateus e Lucas para as implicações do momento da encarnação e João para os antecedentes celestes da encarnação.

Os textos paulinos não dizem diretamente que Cristo se tornou homem, mas que ele ficou em igualdade aos homens. Justamente para não cairmos no docetismo é que, conforme Paulo, Cristo não viveu “como se fosse” homem, mas como homem real de carne e osso, nascido de uma mulher e da linhagem de Davi (Rom 1,3), que conheceu as dores do sofrimento e da morte, portanto, sabe o que significa a obediência pelos sofrimentos que passou. Para Paulo a encarnação é, sobretudo, a aceitação e o assumir radical da condição humana com toda a sua miséria. Mas o que nos interessa aqui para nossa reflexão sobre o corpo-encarnação é que a identidade de Cristo não se reduz a esta humilde condição humana, pois ele a transcende. Assim, Paulo considera a encarnação uma quenose, não no sentido de que Cristo tenha se privado de sua natureza divina, trocando-a pela natureza humana, mas no sentido de ele ter preferido a nossa condição humana à sua condição de Senhor soberano, “sendo rico tornou-se pobre” (2Cor 8,9).

Mateus e Lucas expressam cada um a seu modo, a verdade de que a encarnação do Verbo é um tornar-se semelhante aos seres humanos e não uma completa identificação com os homens. Os dois evangelistas afirmam a mesma coisa por diferentes modos: Maria concebeu do Espírito Santo, ou seja, a encarnação é obra especial do poder e da vontade de Deus, pela concepção virginal.

A cristologia joanina faz da encarnação um acontecimento único pelo fato de enfatizar a preexistência do Verbo. João afirma a encarnação com a palavra carne,

usaríamos a palavra corpo, em vez de homem para frisar o aspecto terrestre, limitado, perecível do homem, em contraste com a natureza divina e eterna. A ideia da preexistência na encarnação é expressa também pela frase “veio armar uma tenda entre nós” e quer dizer algo a mais do que simplesmente o tornar-se visível de um messias preexistente como imaginavam os judeus.

Portanto, a finalidade da encarnação, mesmo diante das diferenças cristológicas de cada autor bíblico, é a revelação da verdade de Deus sobre o homem e, por conseguinte, a verdade sobre o ser corpo. A encarnação do Verbo é a manifestação visível do que Deus quer dar à humanidade: a salvação, a divinização da natureza humana em semelhança e não em igualdade à condição divina. Tudo isso é traduzido e compreendido no dom da Eucaristia – corpo de Cristo – memorial ritual de toda uma vida doada e ofertada ao Pai por amor à humanidade – prolongamento do dom da Encarnação! “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único (e continua a dá-lo na Eucaristia)”. Jo 3,16

2. Abordagem antropológica da encarnação à paixão do Verbo de Deus

Como Girard define revelação do Verbo a partir da Encarnação cujo cumo se deu na Cruz? Ele parte do argumento que não há só diferenças entre os mitos e os evangelhos. Procura trazer à luz as semelhanças entre ambos, mesmo correndo o risco de ser acusado de ingênuo pelos etnólogos e de anticristão pelos cristãos. O anticristianismo é que impede-nos de ver estas semelhanças. O dado comum é que os evangelhos e os mitos narram o mesmo ciclo mimético, revelam a existência do mimetismo do desejo violento primeiramente conflitual e depois reconciliador. *“É o ciclo mimético ou satânico, é a sequência tripartida, primeiro, da crise, depois, da violência coletiva e, por fim, da epifania religiosa”*. (Girard, 1999, p. 136)

A encarnação é uma representação verdadeira daquilo que nunca fora ainda representado até o fim pelos mitos, ou fora representada falsamente. A verdade da encarnação revela as semelhanças e dissemelhanças com os textos míticos. A diferença reveladora é a de que nos textos míticos as expulsões do herói são sempre justificadas, enquanto que nos evangelhos isso nunca acontece, a violência é coletiva e injustificável. A pergunta que se faz é: será que o herói merece ser expulso? Para os mitos a resposta é sempre sim, mas para o relato bíblico é sempre não!

A vingança obrigatória presente sempre nos mitos violentos dá lugar ao perdão da novidade evangélica, dá lugar ao não ressentimento, a não violência, ato único e capaz de acabar de uma vez por todas a espiral das represálias. A verdadeira causa da expulsão das vítimas do mecanismo do desejo mimético, do preferir as trevas à luz (Jo 1,9-10), do expulsar matando na cruz o autor da vida, por parte da coletividade humanidade, a causa está no ressentimento e no não reconhecimento da culpabilidade desta mesma humanidade incapaz de aceitar o perdão de Deus e de perdoar amando uns aos outros.

Segundo Girard, os evangelhos são, em sua totalidade, a representação desta revelação. A encarnação do Verbo de Deus (Cf. Jo 1) caracteriza o valor incondicional da natureza humana e, mais especificamente, da corporeidade humana, na perspectiva de sua genética semelhança com a natureza divina. Da encarnação até à cruz, o Verbo Divino, vítima inocente nas mãos da coletividade humana, revela a reabilitação das vítimas coletivas de todos os tempos e ao mesmo tempo denuncia os seus perseguidores.

Um pequeno grupo de seguidores, dissidentes da maioria assassina, declara a inocência e a divindade de Jesus e ao mesmo tempo reconhece a culpabilidade dos verdadeiros culpados. Esta estrutura no cristianismo é única e diferencia-se dos relatos e dos desfechos míticos. Esta ruptura com a unanimidade violenta faz parte do dado da revelação que se dá a entender a partir da Ressurreição. Esta revelação, diz Girard, corresponde a uma formidável realidade antropológica. A ressurreição de Cristo traz à luz a verdade que desde a fundação do mundo fora dissimulada, que estava oculta desde sempre, ou seja, a de que a gênese da cultura humana foi fundada sobre a pedra fundamental do assassinato fundador. As culturas humanas e as religiões até Jesus foram fundadas sobre o mecanismo vitimário considerado sagrado. A partir da Encarnação-Vida-Paixão-Morte-Ressurreição de Jesus, no entanto, dá-se início uma nova humanidade, uma nova compreensão da corporeidade que não está fundada sobre a falsidade mitológica dos assassinatos coletivos, pois tudo o que aconteceu com Jesus, principalmente sua expulsão pela morte, não é devida à violência mimética, mas devido ao amor incondicional do Pai por seu Filho, e consequentemente, por todos nós. Portanto, concluímos com Girard, o que ele chama de Força da Revelação, *“ao revelar a auto ilusão dos violentos, o Novo Testamento dissipa a mentira da sua violência;*

enumera tudo aquilo de que precisamos para rejeitar a visão mítica de nós próprios, a crença na nossa própria inocência”. (Girard, 1999, p. 161)

Portanto, da encarnação à cruz, de modo mais claro e específico, revela-se quem é o verdadeiro inocente e quem são os verdadeiros culpados. É na árvore da cruz, fincada no novo jardim, que a humanidade é recriada e remodelada.

3. As espiritualidades da Cabala Judaica e do Eneagrama, a título de aplicação prática

A espiritualidade da cabala refere-se ao corpo humano como árvore da vida. Para a tradição judaica, nosso corpo e nossa pessoa crescem como árvores das vidas e devem dar frutos como árvore do conhecimento do bem e do mal. A árvore do conhecimento do bem e do mal é a fonte da experiência concreta, caminho de sofrimento, da ascese, da busca de unidade na vivência exterior. O corpo edifica-se, tanto do ponto de vista biológico, quanto espiritual. O corpo humano é denominado de território do sagrado.

Perguntamo-nos, como penetrar nesse universo de significados do corpo como árvore das vidas? Como associar cada parte, função e órgão do corpo humano a seus arquétipos e espirituais? Como harmonizar essa busca da unidade na diferença dos membros de um corpo com a revelação de uma nova humanidade-corpo não violenta e não ressentida? No intuito de se levar à prática existencial a teoria da não violência trazida à luz pelo mimetismo do desejo, aqui pretendemos direcionar nossa reflexão entre o que acabamos de dizer a partir da leitura antropológica girardiana para o que compreendemos da revelação cabalista sobre o corpo humano formado por dez sefirot, pelas dez emanções divinas e, também, pelo o mundo das tipologias da personalidade humana traçadas pela espiritualidade do eneagrama.

Segundo a hermenêutica bíblica cabalista, Deus deu forma e conteúdo à Sua Criação através destas dez sefirot. Segundo o alfabeto hebraico suas 22 consoantes são energias vivas destinadas aos olhos e à mente. Existe um simbolismo numérico na grafia de cada letra. Há nove letras que correspondem ao plano da encarnação. Estas quando bem compreendidas e harmonizadas na totalidade do corpo gera-se do caos a ordem, sai-se da alienação dos princípios fundadores da unidade entre o humano e o divino.

A palavra cabala vem do hebraico Qabbale, do verbo receber. Evoca a revelação que Moisés recebeu ao mesmo tempo em que recebeu a Lei escrita, a Torá. A cabala evoca a transmissão espiritual, sem a intermediação de um texto. A sabedoria da cabala dirige-se ao interior do homem, a seu desejo e vontade de receber a plenitude infinita, a Luz. Segundo esta espiritualidade toda a realidade, tanto espiritual quanto material, é criada por meio das emanções divinas que são vistas como “forças fundamentais”, “recipientes” da atividade de Deus.

As sefirot são “canais” através dos quais a energia Divina flui, permeia e se torna parte de cada coisa que existe, criando assim uma “corrente espiritual” que liga e vivifica todas as coisas, impregnando-as da Essência Divina. As dez sefirot podem ser agrupadas em três unidades ternárias, no esquema da árvore da vida: Coroa, Sabedoria e Inteligência (triângulo que revela a essência da divindade, com vértice para cima); Misericórdia, Justiça e Beleza (voltado para baixo, exprime o plano de Deus); Vitória, Glória e Fundamento (corresponde à sede do ser psíquico e matriz do ser espiritual, vértice apontando para baixo e abre-se ao reino, ao domínio, à terra, ao sentir físico, aos pés no sistema corporal, às raízes da árvore humana).

A cabala significa a plena aceitação de um duplo movimento existencial, ascendente e descendente, o movimento do amor de Deus para com o humano e o amor do humano para Deus como caminho inverso. As leis que regem o fluxo destas energias foram estabelecidas durante o processo da Criação, que pode ser vista como uma progressiva transformação de níveis de energia espiritual. Nesta progressiva transformação, foram criados universos espirituais paralelos, sendo o nosso mundo o último desta corrente.

Já o eneagrama, de terminologia grega, na junção das duas palavras: “eneá” (nove) e “grama” (pontos), aborda nove tipos de ego, sendo compreendidos a partir de três centros (o físico-instintivo, o sentimental-emocional e o pensamento-mental).

Os três centros do eneagrama, também chamados de tríades, constituem-se em três grupos. Os tipos oito, nove e um correspondem ao instinto, pois tem sua energia “centrada na região do abdome”, experimentando a cada nova situação sensações físicas “viscerais” movendo-se como “oposição”; o tipo oito, através da sua agressividade; o tipo nove, através da sua teimosia; o tipo um, através do seu perfeccionismo crítico.

Os tipos dois, três e quatro correspondem ao sentimento, pois tem sua energia “centrada no coração”, experimentando a cada nova situação “emoções” movendo-se em direção aos outros; o tipo dois, através do desejo de ser elogiado; o tipo três através do desejo de ser admirado; o tipo quatro através do desejo de ser compreendido.

Os tipos cinco, seis e sete correspondem ao pensamento, pois tem sua energia “centrada na cabeça”, experimentando a cada nova situação “pensamentos” movendo-se para dentro de si, pois o mundo é percebido como um lugar invasivo, temível ou limitador; o tipo cinco, através do isolamento; o tipo seis, através da cautela; o tipo sete, através de novos estímulos.

A correlação entre a cabala e o eneagrama está na abordagem de que o corpo começa com um Ser Essencial que se desdobra em múltiplas características. A cabala, pela árvore da vida (com as dez sefirot), e o eneagrama (com seus nove pontos), falam da essência do ser, do lado negativo do ego (sombras) e dos caminhos de integração (restauração, redenção). Desse modo temos:

Tipo Um (eneagrama) com a Chochmah (cabala) – O Pai (Abba) onisciente, correto, internalizado. Tipo Dois (eneagrama) com a Binah (cabala) – A Mãe (Ima) celeste, compreensiva, controladora. Tipo Três (eneagrama) com a Gedulah (cabala) – O ímpeto para a grandeza. Tipo Quatro (eneagrama) com a Tiferet (cabala) – Beleza e anseio romântico. Tipo Cinco (eneagrama) com a Din (cabala) – Fechado, envolto, limitado. Tipo Seis (eneagrama) com a Netzach (cabala) – Permanente e buscando autoridade. Tipo Sete (eneagrama) com a Hod (cabala) – Esplendor. Tipo Oito (eneagrama) com a Yesod (cabala) – Força seminal. Tipo Nove (eneagrama) com a Shechinah (cabala) – A presença da aceitação.

Para concluir:

Mesmo que não consigamos, portanto, devido ao limite desta comunicação, expressar toda a complexidade da relação entre as diferentes abordagens acima, intuímos que a pesquisa, em sua totalidade, nos abre um leque de possibilidades em si pensar uma possível correlação entre ambas. Pois, a partir da nossa tradição judaico-cristã essa abordagem do corpo como território do sagrado, tem em Jesus Cristo, a sua máxima elevação (encarnação, paixão, ressurreição).

Referências:

- ADDISON, Howard A. *O Eneagrama e a Cabala*. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Pensamento, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.
- BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CUNHA, Domingos & CARLOS, Luís. Quem é você? – construindo a pessoa à luz do eneagrama. São Paulo: Paulus, 2008.
- GIRARD, René. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MELENDO, M. *O Eneagrama*. São Paulo, Loyola, 2001.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo, território do sagrado*. São Paulo: Loyola, 2012.
- NARANJO, C., *O Eneagrama da Sociedade*. São Paulo, Esfera, 2004.
- _____. *Os Nove Tipos de Personalidade*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
- PALMER, Helen. *O Eneagrama no Amor e no Trabalho*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1999.
- _____. *O Eneagrama*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1993.
- _____. *O Eneagrama de Bolso*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1999.
- PINHEIRO, Elpidio Alves. *Condenados a Amar: O Eneagrama Sagrado como caminho para o despertar da amorosidade*. Campinas, 2009.
- ROHR, R.- A. EBERT. *O Eneagrama: as Nove Faces da Alma*. São Paulo, Vozes, 2000.
- TORQUATO, Ana Maria. *Os pecados dos deuses gregos – À luz do Eneagrama*. Belo Horizonte, Armazém de Ideias, 2004.
- ZUERCHER, Suzanne. *A Espiritualidade do Eneagrama*. São Paulo, Paulus, 2001.